

QUERNUTIPIM

Caio Steffano Romero

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Quem dera eu ser como Quernutipim. Deitava na grama, sentia a chuva, o cheiro de terra. Ah, o cheiro da poeira lamacenta, desfigurada, estraçalhada pelo toque de um tal Zéoutrem. Quernutipim não sabia, só vivia. Como se cada dia fosse ontem. E o tempo para quê? Quem quer que Quernutipim morra é o tempo, trôpego, galope por galope, que trota atropelando a senhora Sonho. Essa é donzela. Flor que brota do impossível, seu marido chão. Coisa alguma põe quina em Quernutipim, cabisbaixo decapitado, decrépito, intolerável. Alvo fácil para Zéoutrem. Zéoutrem, outros tantos tem também. O mesmo sentido que me deram eu devolvo, já que assim a turva tampa do âmago vira página de livro. Quem me vê Quernutipim sabe nem para precisão de coisa que me iluda. Nem adianta. Faça nem menção de desdobrar as pernas. Fica por aí mesmo. É Quernutipim quem pede, e carrega o emblema do “eu que mando”, mas dane-se, a gente vive. Dane-se o Zéoutrem. Não um dane-se de todo, assim, só de pouco, de lado, deixo para depois. Fica um resto de vazio, mas ah, normal. Quernutipim nem liga, deixa a madeixa da donzela Sonho no bolso. Amanhã é igual, Zéoutrem continua na mesma, insosso, cheio de merda. É sim. Fezes. Quernutipim não fede, só cheira. Cheiro da terra, e o esterco. Stercusoris. Ferida de cotovelo num João sem braço. E a faca é de quem? Zéoutrem, ora bolas, aliás.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Fez que nem ouviu beleza para minguar o choro. Que é que tem? Vocês que inventaram, levantaram parede no mar, fincada na onda, cruzada uma a uma na complexidade de coisa vã nenhuma de nada que existe. Quernutipim fala no silêncio. Música maldita... Baila nas cordas dedilhadas de um tambor. Ele tem um mapa. Um mapa que leva a nenhum lugar de rio daqui. É além da margem, rumo de Júpiter. Zéoutrem

é mané. Terráqueo que só, só, e só. Jupteriano é Quernutipim. Deslocado. Não encaixa, vê quadrado, mas só na vista. Silêncio de nova gente gritando. Ah, faz favor de ver o que é que há por esses lados. Bote nem de perto, nem de longe. Bote para lá, flutuando. Zéoutrem é piranha mata-gado. daquelas que de cada mordida é talo de carne desconexo da alma. Quernutipim viu conversa, falou nada. Manso que só, um dó. Retalho de marca página amassada, daquelas amarelas, de tanto que fica aberto ali o coitado do livro. Pensa cubículo, e não é melhor que nada. Nada é mais completo, mais noite. Mais que fosse aurora, Zéoutrem estraga o eclipse, destampa a lua, se lunar, acende o sol, se de dia. Jovem é a dona Sonho, princesa de castelo grande, com sacada, cabelo, e calvície. Quernutipim troca tudo. Rosa por ramos, mas coisa disso não desanima. Coisa disso é cor para cego. Não acredito que é para tanto. Coisa disso é coisa pouca. Pequena, mas dá papo para João sem língua. E Zéoutrem de boa. Al-pargat e beijo que sustenta óculos. Ósculo não oficializado no olho roxo de Quernutipim. Paz de pouco cansaço, sonolência, e transcendência. Transcendente do ordinário foco ao nada. Chuva na cara, frio, e resfriado. Vai nem de lenço, já que é perto. Distância também é coisa de Zéoutrem. Nem de mim tem espaço. Júpiter é aqui.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Morreu temporariamente no parto da meretriz de dezessete anos, Zéoutrem nem é pai, mas o boi é a cara do menino. Babaca de cara na escopeta, e dedo no gatilho. Suicídio ao vivo, para quem quiser ver quadrado. Gente que estampa a elite da infantilidade. Quernutipim de mamadeira. Alvo. Engavetado num encadernado em espiral xerocado. Cresce em linhas, feito de significantes sem significado. Ditames malcheirosos. Carniceiros. Em elipses pairam três abutres, Quernutipim preparado sempre esteve para dois últimos. Sangra logo no primeiro. Desgraçado, quem me dera soubesse vender esse peixe putreficado. Gordo barbado. Sustentado para encher Marte de trocentos Zéoutrem terráqueos. Quernutipim esqueci. Quernutipim João sem memória. Troca ramos e comenta tulipa, ah, ouve tulipa. Comenta mato. Um abraço monobracificado.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Quernutipim é mochileiro. Mochileiro de palavras. Encheu a mochila para o resgate. A amada Sonho, Zéoutrem levou. Rapto. Transmissão de maldade. Enclausurada no alto, ponte e fogo. Zéoutrem colosso de guarda, armadura pesada, posição fortificada.

Quernutipim viajante, mapa do nada na mão, apontando o além-rio. Terremoto, passo de colosso. Desmoronamento, passo de colosso. Escorregão, João sem pé. Quernutipim esmagado. Sob pé de cadeirante, gigante. Torre estática, e a donzela calva no topo. Sonho adormeceu na pausa inesperada do que vem antes, primeiro da hora que Zéoutrem quer, primeiro da hora que inventamos, inventaram, inventei de todos pluralizado num Zéoutrem capeta. Quernutipim respira, ainda. Palavra cura, muitas pouco, uma tudo. Então uma, Quernutipim. Um bardo imagina sonorizando. Quernutipim ouve tulipas, enquanto isso dorme, sob pé de colosso, manco.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. De tanto ouvir tulipa, bebeu em tulipa a poção do clérigo Amor. Silêncio. Pálpebras petrificadas. Colosso João sem olho, não os dois, monoolho, ciclope. Rei no escuro dos Zéoutrem, lorde da noite. Fere o pé inexistente do grande, que não dói porque não existe. Quernutipim liberto momentaneamente, no encontro em sonho com Sonho. Ouvir não faz sentido, letra pequena, letra grande, tem de ver jeito, enxergar quadrado, e lapidar dormindo. Vai ao forno, que cru é osso de colosso que tomba, e beija a poeira, marido da donzela. Quernutipim retorna, vislumbra a dama, bela, distante, sombria. Terremoto, tombo de colosso. Zéoutrem neutralizado, amordaçado. Renega a dor, Quernutipim. Passa logo, voa tordo, decepção é para vivo, abutre aqui pousa não. Sonolência, transcendência, clareza, Seita herética de Manes, Quernutipim e Zéoutrem, cara ou coroa. Logo Mandos colosso enxerga, quadrado. Acorda, permuta de reais locais, dólar para realidade. Quernutipim é deus de ciclope rei, de si, sob cria de Ele, não pessoa, o Único. E aviso que carrapicho aqui é Ili. Mas isso pouco importa, Quernutipim liberto, sonolento, mas vivo. De bolsos cheios, e acordado, em Sonho.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Fuga, Quernutipim fugindo de um João sem visão. Rápido, veloz, espremendo-se na mente de Zéoutrem, e se está bem então está certo. Que nada! Tristeza, rancor de erro removido por achar que é correto, certo e não há problema. Passos sincronizados com o tique-taque do lorde do tempo. Despedida da pausa. Como se tudo estivesse no caos mais pacífico que se esconde no eu. Quernutipim, vivo, morreu. Aliás, Quernutipim vive em si. Os outros que o mataram. Sendo assim,

Quernutipim morroutros. Morroutrem. Culpa alheia, de mais ninguém. Partilha de Zéoutrem.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Enxergava quadrado, tanto vértice perdendo as pontas que chega a dar nojo! Zéoutrem metamorfoseia o desprezo quando matuta o eu que Quernutipim distancia. É de vômito, ânsia pura. O riso de um João sem transparência é de coisa ruim. Bicho do muro-lucro que assenta tijolo-logro. Quernutipim, negociando com o lorde do tempo, ganha um em troca de trinta. Com dez desses ainda não pode. É muito o peso que saliva Zéoutrem. Cem desses. E na reciprocidade de um logro mútuo Zéoutrem transita do riso à pena. Um dó que só. Sem equilíbrio. Retoma a ânsia mais forte, Quernutipim, junto ao sorriso acolhido em Sonho. Zéoutrem engasgando-se no sangue da língua mordida. Eu bem vi.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Foi que foi e, futricando, encontrou o segredo guardado sob sete tropeços. Monólogo de um João sem futuro nos lençóis da própria mente, que atua, e mente a direção. Mas Quernutipim bateu de banda e despistou a desilusão de Zéoutrem em pleno mar. Navegando e mirando o horizonte mais lindo que pudesse materializar junto à donzela Sonho, e, sonolento, adormeceu consolado pela miragem de um futuro presente, entregue a quem quisesse apalpá-lo. Soturno, encoberto pelo mofo, de passado fez o cobertor que o aqueceu a abóbada dos pensamentos. Acalentado em vida, vento, e tormento.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Queria eu na minha insônia ser como Quernutipim. Desconectado por Sonho. Desmemoriado pelo Nada. Ah, o Nada. Não o nada, digo: o Nada. Aquele que Zéoutrem teme e João sem Nada, por ter tudo, não possui. Diria Quernutipim que o Nada não divide seu teto com o Conhecimento, o outro, que inventamos, que Zéoutrem esbanja em vômitos. O primeiro é sentir, experimentar, viver fora de si para encontrar o eu. O inventado é conotação. Finge que sente, engana que é, e acredita. Farsa. Distante de Sonho, que, sem querer, faz querer mais. O Nada é visão. O Conhecimento é névoa. Ili é Nada, e dele tudo surgiu. Até que o tudo desejou ardentemente Nada ser, e, por não ter nada de Nada, dadaísmo se tornou. Em águas, vi Quernutipim descobrir nadando que o Conhecimento Nada ignora. Conhecimento ignorante. Zéoutrem bem sabe. E a luz segue, bruxuleante ao vento na vela em alto-mar.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Quernutipim driblando a vagareza na estaticidade de uma agitação sem pausas causadas pelas manchas negras de um dálmata albino João sem pintinhas sem mácula da rigidez de um trabalho contínuo sem fome ou vestígio de sono e o que era pior a pior das piores coisas sem Sonho perdida num Zéoutrem qualquer e Quernutipim aprisionado no vácuo de uma realidade péssima em constante atrito com a Morte que até que enfim aparece e finda todo realismo na forma de um áspero. Isso mesmo. A Morte é um ponto final de merda, é uma vírgula metida que interrompe o fedor das palavras.

Quernutipim era uma bola que enxergava quadrado, e de tanto ouvir tulipa, falava carrapicho. Sacanagem. Sacanas agem do jeito covarde de Zéoutrem. É mais ou menos a transcrição do maior repúdio de Quernutipim. De Quernutipim e de mim. E se mim sou eu, mim conjuga. Aliás, mim faz o que eu quiser – ou eu faço o que mim quiser – e longe de mim discutir-me. Mas esse atrito faz parte, é sobretudo coragem. Não ausência de pernas trêmulas, mas tremelique que atíça a coragem de um João sem alterfobia. E Quernutipim terra avista. Pisoteia o marido da donzela e descobre um novo refúgio sob a montanha da perdição, o casulo de Sonho no pináculo guardado pelo mais poderoso dentre todos os dragões, o máximo bassus: Zéoutrem. O dia subiu, e Quernutipim escala o trecho íngreme da vida, rumo ao objetivo-mor, a cabeça da grande besta draconiana que tem Sonho por refém. Sangue que jorra e resguarda a vida do guerreiro. As sílabas cravam o peito do dragão, penetrando o mais íntimo do coração da fera. Do topo do mundo o duelo é observado. A troca de meia-morte, à meia-noite o grande tomba. Sonho revive do repouso de eras e, de braços dados, percorre as vias da vida dividindo-se entre Quernutipim, o Nada e o fim.